

In Memoriam

DE EUCLIDES DA CUNHA
(15 DE AGOSTO DE 1900)

"Entre as magias daquêles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem.

"No Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel antilogia: sôbre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseravelmente uma sociedade que está morrendo..."

São palavras de Euclides da Cunha, escritas há cerca de meio século (1908) no preâmbulo do "Inferno Verde" de Alberto Rangel. Entretanto, elas têm plena atualidade, não só de referência à Amazônia, mas a todo o vasto interior do País, onde domina o regime latifundiário.

Conheci o interior de São Paulo, não só na zona estacionária do Vale do Paraíba, município de Pindamonhangaba, como também na zona sul, florescente, da Sorocaba. E levado pelos deveres da profissão médica a visitar os mais longínquos casebres nas fazendas, vi e senti de perto os mais extremos degraus de miséria e de atrazo; isso no Estado líder da federação!

Que dizer então do norte e do nordeste?

Por tôda parte o mesmo sistema de exploração agrícola, entavando o progresso do País e impedindo a elevação do nível de vida das populações rurais.

Do Norte ao Sul o latifundiário e o grileiro opondo-se à formação de um mercado interno que sirva de apóio à industrialização nascente do Brasil.

"Não há desenvolvimento industrial que possa persistir — diz Nestor Duarte em sua recente e magnífica "Reforma Agrária" — sem uma agricultura municiadora de matéria prima e de alimentos e organizada em moldes de assegurar, **pela prosperidade e riqueza do campo, o grande mercado interno de uma nação** (pág. 67).

Mas como conseguir "prosperidade e riqueza do campo" sob o flagelo do grileiro?

"Grileiro", na definição ambígua dos dicionários, é o indivíduo que procura apossar-se de terras alheias mediante falsas escrituras de propriedade.

Mas a pena de Euclides revela-nos, num traço rápido, tôda a facies real e hedionda do grileiro.

Ei-la, na síntese do conto "Obstinação" do livro supracitado:

"Um potentado ambiciona as terras de um caboclo desprotegido. Toma-lh'as emparceirando-se à justiça decáida. O caboclo obstina-se e vence num lance de loucura a tremenda iniquidade: para ficar na sua terra e para sempre, enterra-se vivo e morre. É simples, é inverossímil; mas é um aspecto da organização social da Amazonia (Preâmbulo ao "Inferno Verde", pág. 14).

x x x

Em "A Margem da História" a vida social do trabalhador agrícola amazonense — o caucheiro, o seringueiro é estudada com mais minúcias. E, ao fazê-lo, chega Euclides da Cunha à dolorosa conclusão de que ali existe "a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desçaímado egoísmo. De feito, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se."

E novamente, ocorre ao leitor que isso não se dá apenas com o seringueiro; é a tragédia comum a todos os meeiros, peões, caseiros ou "colonos", ou que outros nomes tenham, nos latifúndios, do norte ao extremo sul.

Em todo êsse imenso interior, o que vigora ainda hoje é, sem nenhum exagêro, o **trabalho escravo**.

A situação atual do trabalhador agrícola está a exigir da geração de hoje uma campanha nacional em pró da **reforma agrária**, tão ampla e tão apaixonada como foi a da Abolição nos tempos de Castro Alves, Nabuco e José do Patrocínio.

Se fôr mister buscar nas letras pátrias um nome

que sirva de patrono a essa cruzada, nenhum outro se encontrará mais adequado que o de Euclides da Cunha cuja morte, precoce e sentida, mais uma vez recordamos nesta data. Seu estilo fascinante foi a arma de que se serviu o grande patriota na luta em defesa do camponês, do sertanejo, seu patricio esquecido e abandonado.

Foi essa obsessão de seu talento multiforme que o levou a sacrificar tôdas as comodidades da vida, trocando-as por uma peregrinação fecunda aos mais inhóspitos recantos da Pátria, onde a civilização ainda não chegara.

E quem estuda sua biografia logo percebe que foi justamente essa obsessão a causa de todo o desmantêlo de sua vida íntima, cujo drama terminaria com um tiro assassino, em uma manhã chuvosa, a 15 de agosto de 1909, na Estrada Real de Santa Cruz.

J. LEÃO BORGES

(Sócio correspondente do Centro Cultural "Euclides da Cunha" - Ponta Grossa - Paraná).

x x x